

forcado». Os mais audazes forçados: Cruz, Russo, Cabeça e Pouca Roupa — lançando-se de peito aberto em direção do touro, acabavam, depois de mil trombulhões, deitando-o por terra.

*Lutas romanas.* — A partir de 1905 estiveram em moda as lutas dessa espécie. Começaram no ringue do Politeama, antigo Parque Fluminense, no Largo do Machado. Multidões enchiam o elegante teatro. Várias lutas eram programadas tôdas as noites, destacando-se dentre os lutadores — verdadeiros mastodontes — os franceses Paul Pons, Caseaux, Le Boucher e La Calmette, o martiniquense Amalhou, o norte-americano Steurs, o suíço Decrouzas, o italiano Giovani. E também havia russos, búlgaros, turcos, armênios. Para tornar mais atraentes os espetáculos, nêles ocorriam coisas tremendas: golpes proibidos, fingimentos a valer, parcialidade dos juizes, vaías e protestos dos espectadores... Não poucas vêzes as lutas ficavam indecisas. Era a maneira do público vir à noite seguinte para assistir ao desempate... Outras vêzes a luta era livre, com mais fingimentos e aparentes contorsões, não poucos bofetões e rasteiras, zangas de verdade, tombos terríveis...

*Cinemas.* — O predecessor dos cinemas foi, no Rio de Janeiro, o animatógrafo, que divertia o público por meio de quadros luminosos. Fundado em 1891 pelo cidadão italiano Victor de Mayo, funcionava na Rua do Ouvidor nº 141. Ali eram exibidos, na Semana Santa, quadros coloridos do Nascimento e da Paixão de Nosso Senhor. E nos dias comuns eram apresentados outros interessantes quadros. Predominavam os de caráter jocoso, obedecendo, por isso mesmo, a títulos curiosos, tais como «O namorado no saco», «A polícia no tanque» e «Maxixe no outro mundo». Em 1894 foi adquirido por outro empreendedor italiano, Pascoal Segreto, passando a ostentar o título de Salão Paris no Rio. Depois apareceram os estabelecimentos onde eram feitas projeções animadas sôbre telas, para divertimento dos espectadores. Foram primeiramente chamados biógrafos e, depois, cinematógrafos. Hoje recebem a generalizada denominação de cinemas. E os rolos de celulóide onde estavam plasmadas as imagens, cenas ou aspectos eram denominados filmes. Atualmente são tais rolos geralmente conhecidos como fitas.

Os cinemas foram, pouco a pouco, espalhando-se pela cidade. Em 1901, Pascoal Segreto montou na Maison Moderne — no Largo do Rocio — o primeiro estabelecimento dêsse gênero, sob o nome de biógrafo. Em 1904, fêz inaugurar, na Rua do Ouvidor, o Rio-Paris. Depois foram surgindo outros. Assim, a empresa francesa E. Hervet instalou naquele mesmo ano, no Teatro Lírico,

um cinema, apresentando uma dezena de pequenos filmes. Mas não ocorrendo a renovação dos mesmos, a iniciativa foi votada ao insucesso. Uma cadeira custava 3\$000 réis. Em 1905 funcionou um cinema no Bar do Passeio Público. A primeira exibição consistiu de uma dúzia de filmes trazidos da Europa pelo antes citado Victor de Mayo. O sucesso foi extraordinário e o arrendatário do referido bar procurou ampliar o negócio comprando a Marc Ferrez os filmes que o mesmo importava da Casa Pathé Frères, de Paris. Outro italiano, Giacomo R. Staffa, montou em 1907 o Grande Cinematógrafo Parisiense, na Rua Chile fronteira ao Hotel Avenida, ali exibindo filmes franceses e dinamarqueses. Nestes quase sempre aparecia, com sua esbelta figura, o artista dinamarquês Waldemar Psilander, poucos anos depois assassinado em Kopenhagen. Também naquele ano abriu suas portas o Cinematógrafo Pathé, na Avenida Central ns. 147 e 149, de propriedade da firma Arnaldo & Comp., cujo chefe Arnaldo de Sousa, veio a tornar-se muito conhecido como exibidor. Mais tarde o estabelecimento passou à propriedade do citado Marc Ferrez, filho do artista da missão artística francesa de 1816. Depois foi transferido para o nº 116, sendo vulgarmente conhecido como Pathezinho. Em 1908 foram abertos, entre outros, os cinemas: Ouvidor, na rua dêsse nome nº 154; Paris, na Praça Tiradentes nº 50; Brasil, num sobrado daquela praça. Em 1909 inaugurava-se o Cinematógrafo Popular; situado na Avenida Marechal Floriano Peixoto esquina da Avenida Passos. E, a seguir, são montados: o Rialto (ao lado do Parisiense); o Odeon (Avenida esquina de Sete de Setembro, com vasta sala de espera e duas salas de exibições voltadas para as referidas artérias); o Avenida (Avenida esquina de Assembléia) e o Central (Avenida nº 166).

O antes mencionado Pathé se transformou, no ano de 1911, em Cinematógrafo Palais, sendo explorado, depois de Arnaldo de Sousa, por Alberto Sestini e pela firma Darlot. Ainda no mesmo ano dava-se a inauguração, na Rua do Ouvidor nº 127 — entre a Avenida e a Rua Gonçalves Dias — do Cinematógrafo Ouvidor, sendo proprietários do mesmo os irmãos Stamile; que foram os primeiros exibidores dos filmes norte-americanos. Na sala de espera dêsse cinema o pianista Aurélio Cavalcanti deliciava os frequentadores com melodiosas valsas enquanto esperavam a entrada na sala de projeções.

Os cinemas da Avenida e da Rua Chile tinham salas de espera dotadas de sofás em tôda a volta, bela decoração com espelhos e balaustradas sobre as vias públicas. Eram amplos recintos onde as pessoas aguardavam a hora do filme — ouvindo boas



orquestras de moças, colocadas em palanques — constituindo, outrossim, pontos de encontro de amigos, de senhoras elegantes e de empertigados cavalheiros. E como as cadeiras da platéia estavam divididas em 2ª classe (as mais próximas da tela) e em 1ª classe (as mais afastadas e, portanto, as melhores), havia salas de espera separadas. Tempo houve em que uma 2ª classe valia 1\$500 réis e uma 1ª sòmente 2\$500 réis! Ainda no centro da cidade ou nas suas proximidades funcionaram os cinemas Carioca (no Largo do mesmo nome), Ideal e Íris (Rua da Carioca), Olímpia (Rua Visconde do Rio Branco), Kab-Kab (Ouvidor esquina de Gonçalves Dias), Colosso (no Teatro São José), Primor (Avenida Passos) e Lapa (Avenida Mem de Sá). Outros cinemas: Brasil, Demaria, Parque Novidades, Rio Branco, Universal, Eden, Floresta, Lavradio. A seguir, surgiram, na Praça Floriano, os cinemas Capitólio, Glória, Império e Odeon, o que se deveu a Francisco Serrador, cidadão espanhol, grande trabalhador a prol da cidade. Coube-lhe converter o descampado onde outrora estivera o Convento da Ajuda, numa zona comercial, importantíssima; ali erigindo inúmeros arranha-céus e montando, nas respectivas lojas, aquêles cinematógrafos. Criou, assim, o bairro que foi vulgarmente conhecido como Cinelândia e que hoje está crismado como Bairro Serrador. E devido à iniciativa de Marc Ferrez, também foi instalado naquele bairro o terceiro Pathé.

Nos bairros funcionavam cinqüenta e tantos cinemas, dentre os quais se destacavam os denominados: Americano e Atlântico (Copacabana); High-Life, depois Guanabara (Praia de Botafogo); Politeama (Largo do Machado); Excelsior (Rua do Catete); América, Velo, Brasil e Haddock Lôbo (todos na rua dêste nome); Tijuca, Andaraí, Matoso, Méier e Engenho de Dentro (nos bairros assim denominados); e mais os conhecidos como Hélios, Ramos, Guarani, Smart, Modelo, Fluminense e Elegante.

Os filmes eram dinamarqueses, franceses, italianos e norte-americanos, destacando-se os fornecidos pelas emprêsas Biograf, Keystone, Lasky Feature Pictures, B. De Mille, Universal Famous Player, United Artists, Paramount e Griffith (norte-americanas), U.F.A. (alemã) e Pathé (francesa). Dessa forma, apareciam nas telas as figuras da interessante Mary Pickford, da personíssima Francesca Bertini, da vampiresca Theda Bara, da lânguida Pola Negri, da inconfundível Clara Bow, da expressiva Mae West, da bela Lyda Borelli, da amorosa Greta Garbo, da tão característica Glória Swanson, da perigosa Pearl White, da elegantíssima Kay Francis, ou mais outras, também excelsas, como: Norma Shearer, Lili Damita, Joan Crawford, Lillian Gish, Geral-

dine Farrar, Barbara La Marr, Joan Harlow, Louise Fazenda, Vera Korene, Janette Gaynor, Marlene Dietrich, Carole Lombard e Norma Talmadge. E dentre os astros fulgiam os nomes de Charles Chaplin (Carlitos), Buster Keaton, Max Linder, Tom Mix, William Farnum, Harold Lloyd, Rodolfo Valentino, William S. Hart, Lon Chaney, Wallace Reid, Waldemar Psilander, Jean Gabin, Ramon Novarro, John Barrymore, Douglas Fairbanks, Eric Von Stronheim, Ernest Lubitsch, Emil Jannings, John Gilbert, Roland Colman, Adolphe Menjou, Lionel Barrymore, Rod La Rocque, George Walsh, Gary Cooper, Oliver Hardy (o Gordo) e Stan Laurel (o Magro). Com o aparecimento do cinema falado, em 1927, tiveram grande destaque alguns dos artistas já citados e mais Humphrey Bogart, Errol Flynn, Ivan Kosjoukine, Gary Grant, George Sanders, Leslie Howard, Clark Gable, Cesar Romero, Franchot Tone, Don Ameche, Henry Fonda, Lon Chaney Júnior e Douglas Fairbanks Júnior. Por sua vez, o grupo feminino que teve destaque estava constituído de Jeanette Mac Donald, Anna May Wong, Dolores del Rio, Katherine Hepburn, Loretta Young, Mirna Loy, Betty Davis, Mary Astor, Dorothy Lamour e June Caprice.

\* \* \*

O cinema nacional surgiu em 1907, quando Antônio Leal produziu um filme que tinha por título *Os Estranguladores*. Segundo informa Celestino Silveira, o filme foi somente interpretado por homens. O primeiro filme nacional falado, denominado *Paz e Amor*, aparece em 1909, no cinema Rio Branco (na Rua Visconde do Rio Branco), de propriedade de Heller. O título glosava uma célebre frase do Vice-Presidente da República Dr. Nilo Peçanha pronunciada ao empossar-se no cargo de Presidente, em virtude da morte do detentor do cargo Dr. Afonso Pena. O autor do enredo foi José do Patrocínio Filho. Acontece, porém, que o processo de irradiação era mais falante do que falado, visto como os artistas, de carne e osso, dialogavam e cantavam atrás da tela... No ano seguinte ocorria o lançamento do segundo filme nacional falado. Chamava-se *Comêta*, sendo de autoria de Raul Pederneiras. Foi exibido no Cinema-Teatro Chantecler.

#### 4. Esportes

*Natação.* — Com a enorme e bela baía de Guanabara, a natação haveria forçosamente de ser muito praticada. A fundação de clubes de regatas veio incentivar a prática da mesma. Foi o